

Illustração PORTUGUEZA

DIRECTOR:
CARLOS MALHEIRO DIAS
DIRECTOR ARTISTICO:
FRANCISCO TEIXEIRA

PROPRIEDADE DE
J. J. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Adminis-
tração e Officinas de
Composição e Im-
pressão
Rua Formosa, 42-CT580/R



Costumes portugueses: MULHER DOS ARREDORES DE VIANNA DO CASTELLO
(Cliché EMILIO BIEL & C.ª)

Assignatura da «Ilustração Portuguesa»
para Portugal, colonias e Hespanha

Por anno 48800 réis
» semestre 25400 »
» trimestre 18300 »

Assignatura conjunta da «Seculo», Supple-
mento Humoristico do Seculo e da «Ilus-
tração Portuguesa»

Portugal, colonias e Hespanha
Por anno 88900 réis
» semestre 45000 »
» trimestre 29000 »
» mez (em Lisboa) 700 »

COKE INGLEZ

PARA COSINHA

O MAIS ECONOMICO

R. Conceição, 17, 2.º

Telephone 1738

EM 20 DIAS CURA RADICAL e INFALLIVEL

ANEMIA CÔRES PALLIDAS
CHLOROSE, CONVALESCENÇA
PELO
Elisir de S. Vicente e Paula

Em todas as Pharmacias ou no DEPOSITO GERAL,
CUIREL & DELIGANT, Rua dos Sapateiros 15, 1.ª LISBOA
1300 reis o frasco franco porte em todo Portugal.
P.FLOILLE, Har*, 2, Faub* St-Denis, PARIS

Os Agentes em Portugal
REEMBOLSAM o DINHEIRO
a quem não tiver tirado resultado

na **BRONCHITE**
TOSSE, ASTHMA
TISIS PULMONAR
empregando o
XAROPE FAMEL

PARIS
86, Rue de la Réunion
PREÇO: 800 REIS
Frascos de porcelana em todo Portugal por franco.

DEPOSITO GERAL
15, RUA DOS SAPATEIROS, LISBOA

COMPREM AS Sedas Suissas

Poçam as amostras das nossas
Novidades em preto, branco ou cor,
**Eolienne, Cachemire, Shan-
tung, Duchesse, Grèpe de
Chino, Gôfê, Messaline,
Mousseline**, largura 120 cm. a par-
tir de fr. 1,25 o metro, para vestidos,
bluses, etc., assim como as **bluses e
vestidos bordados** em batiste, la,
toile e seda.

Vendem-se a nossas sedas garantidas
solidas **directamente aos con-
sumidores** - frangas de porte
a domicílio.

SCHWEIZER & C.º
Lucerne E II. (Suissa)

Exportação de sedas Fornecedores da Corte Real

10,000 DOLLARS DEDICADOS AO HYPNOTISMO

**Dr. X. La Motte Sage, o eminente homem de sciencia, fez um do-
nativo de 10,000 dollars para a publicação e distribuição gra-
tuita de um valioso tratado sobre o Magnetismo individual e
o Hypnotismo, que demonstra o valor pratico e a influencia
d'esta sciencia nova, nos negocios, na sociedade, no lar, em
politica, em amor, nas doenças, enfim, todo o seu dominio so-
bre o espirito humano.**

**Homens de negocios e profissionais eminentes, membros do cle-
ro, e muitos outros, acompanham o movimento. Uma escola
muito conhecida, toma sobre si o encargo de distribuir gra-
tuitamente esse livro.**

**Emquanto se não exgotar a edição especial, qualquer pessoa pôde
receber um exemplar d'elle e estudar em sua casa os segredos
da força maravilhosa que é o Hypnotismo. Muitos segredos reli-
giosamente guardados, passam agora para o dominio publico.**

O Sr. Carnegie distribue parte da sua fortuna ás bibliothecas. O Dr. X. La Motte Sage tenciona introduzir gratuitamente, em todas as casas, o livro mais util de todas as bibliothecas; e para conseguir este fim, acaba de fazer uma doação de 10,000 dollars. Uma importante casa editora occupa-se presentemente da impressão d'esse volume.

A philosophia da influencia individual, tal é o titulo do livro que o Dr. Sage deseja distribuir gratis. O livro é apreciado sinceramente, pelos negociantes, medicos, membros do clero, e advogados dos dois continentes; é illustrado com as mais finas gravuras, e em cada pagina, acham-se informações praticas multissimos interessantes. E' um livro, que tem o seu lugar marcado em todas as casas; é o mais extraordinario que jámais foi escripto, sobre tal assumpto, e tem causado uma sensação mundial.

Em todos os casos, os possesores de tal livro, dominadas instantanea e inconscientemente, pela força hypnotica. Ensina o meio de se pôr em guarda contra a influencia hypnotica de terceiros; assim como o de empregar esta mesma força de modo a dominar absolutamente as pessoas com quem se tem relações.

Homens de subido valor, como Vanderbilt, Morgan, Rockefeller, e outros millonarios, estudaram os mesmos meios expostos neste livro, e usaram-nos para amontoar os seus milhoes. Este livro descobre os segredos nunca imaginados da vida de homens ricos; revela os mysterios occultos do Magnetismo individual, do Hypnotismo, da medicina magnetica, etc.; a propria origem d'essa força e a sua influencia. Contem tambem informações secretas, de valor inestimavel, para todos os que desejam obter uma vida prospera. Muitos dos mais distintos politicos d'este paiz, depois de o terem lido, do principio ao fim, fazem d'elle uso diario, tirando proveito e lucro do seu ensino.

Elle ensina o meio de curar, tanto em si proprio como nos outros, todas as doenças e maus habitos, sem auxilio de drogas; ensina o methodo occulto, a instanta-
aneo, para produzir a insensibilidade das dores em qualquer parte do corpo, permit-
tindo a extração de dentes e até operações chirurgicas, sem o emprego de cocaina,
ether, ou qualquer outro anestesico.

N'este livro acha-se o meio de adormecer, não somente os outros, como tambem nós mesmos, e isso a qualquer hora do dia ou da noite; tambem ensina qual a força occulta que desenvolve as faculdades mentaes, desperta a memoria, modifica o mau genio, corrige os maus costumes das crianças, fortalece a vontade e permite galgar a elevadas posições, até mesmo ser chefe de Estado.

Quem não tiver conseguido uma posição relativa, ao seu talento e á sua habilidade, quem desejar obter uma collocção bem remunerada, ou augmento de salario; quem desejar elevar-se na sua profissão, quem aspirar ter uma influencia maior sobre os outros, quem tem a peito obter a amizade ou o amor de outra pessoa, e mesmo, quem aspirar á celebridade, deve escrever, pedindo a remessa de um exemplar, sem demora.

Publicamos em seguida trechos de algumas cartas de diversas pessoas que o lêram, os quaes dão idéa do seu genero e do seu grande valor.

A ex.ª sr.ª D. Mary Milner, 312,—D. Street Puum, Colo, diz n'uma recente carta: Andava lã doentada e aborrecida, que não pôde dormir, nem comer. Empreguei, em mim mesma, os seus conselhos, com resultado extraordinario. Hoje gozo perfeita saude. Não ha dinheiro que me separe do professor que v. ex.ª me deu.

Diz o sr. T. L. Lindenstruth, 30 East Slouth Street, WILKES BARRE, Pa. U. S. A.: O seu trabalho sobre o Magnetismo individual, representa uma fortuna para quem começa a vida. Não pôde deixar de dar proveito.

O sr. A. J. Mac Ginnis, 60 Ohio Street, Allegheny, Pa. U. S. A., diz: «Quando escrevi pedindo a remessa de um de seus livros, era um simples operario; hoje, sou gerente. Não ha duvida, que este facto é a melhor prova que se pôde dar, para demonstrar o seu grande valor. A todos os que desejam prosperidade, recomendo pedir um exemplar, sem demora.

O Dr. G. S. Lincoln, medico, 101 Crutchfield Street, Dallas, Texas, U. S. A. escreve: As suas lições são maravilhosas sobre a influencia individual. Tenho-me empregado nos meus clientes, com resultados muito satisfatorios, em casos onde a medicina era impotente.

O Dr. S. R. King, medico, Gilling, Ind. escreve: Recbi o seu livro, que é realmente o mais notavel que jámais li. Pelo processo n'elle indicado, desaparecem como por encanto: enxaquecas, dores nas costas, reumatismos, e outras molestias chronicas. O ensino do Magnetismo individual é simplesmente grandioso. Dá uma influencia que estava longe de pensar que pessoas de intelligencia mediocre pudessem adquirir. O seu livro vale mais do que ouro, para os principiantes na lucta pela vida. O seu valor é inestimavel. Lastimo somente não ter podido aproveitar os seus conselhos durante a minha mocidade.

The New York Institute of Science, tomou a seu cargo a distribuição gratuita d'este livro. Milhares de typographos trabalham dia e noite, para fornecer exemplares, num valor de 10,000 dollars, e distribui-os gratuitamente. Sendo as despesas de publicação muito elevadas, só devem pedir exemplares d'este livro, as pessoas que se interessam realmente por estes factos, que desejam melhorar a sua sorte, e que, em uma palavra, aspiram á maior felicidade, visto a edição ser limitada, pede-se aos simples curiosos de se absterem de pedir exemplares; porém, quem desejar seriamente, escreva hoje mesmo, pois os exemplares estão sendo muito procurados. Ainda não houve nos annos da publicidade livro lão procurado como a «The Philosophy of personal Influence».

E' bom lembrar que actualmente este livro é enviado absolutamente gratis a quem o pedir, mandando o seu nome e endereço, Escrever a The New-York Institute of Science, Dept. 1518, G. Rochester, N. Y. U. S. A.

O porte das cartas para a America é de 30 réis. Os bilhetes postaes são de 20 réis.

AS DUAS NOVAS OPERETTAS DE FRANZ LEHAR AUCTOR DA «VUVA ALEGRE»

I O CONDE DO LUXEMBURGO

Franz Lehar

A acção do «conde de Luxemburgo» passa-se no meio aristocrático da alta nobreza russa.

O velho principe Basil Basilowitsch, tendo custeado a educação artística da formosa cantora Angèle Didier, acaba por apaixonar-se loucamente por ella. Angèle, porém, oppõe aos



A actriz Ligety no papel de Angèle
Didier

Mas o principe Basil encontra um estratagemma desesperado e, a troco de um cheque de 500:000 francos, resolve o conde René de Luxemburgo, fidalgo arruina-



seus desejos a intenção formal de se casar, o que vem complicar gravemente o problema. Com effeito, embora o principe estivesse disposto a dar o seu nome á gentil burguezinha, o czar é que nunca consentirá n'essa união, tanto mais que se interessa pessoalmente em dar ao principe por esposa a condessa viuva de Kokozoff, representante de uma das mais nobres familias da Russia.



do e perdido na bohemia de Paris, a casar com a cantora, sob a condição de que nem sequer chegará a vê-la e se divorciará d'ella em seguida. Angèle vae, com esse *truc*, adquirir a indispensavel nobreza.



vae procural-a ao camarim. Ella acha-o sympathico, attrahente, seductor, e o marido cae-lhe aos pés. N'isto apparece o principe Basil, que quer constringer o conde a retirar-se.



tar do divorcio. Tem dinheiro, cuja origem occulta aos seus amigos, e dinheiro quer dizer prazer, mulheres e Champagne.

Mas uma noite, na Opera, vê a cantora Angèle — sua propria mulher; e a sua paixão atei-



Para não dar nas vistas, o casamento realisa-se n'um *atelier* de Paris. Angèle, occulta por um biombo, estende a mão onde René vae collocar o anel nupcial. Essa mãosinha pertumada com *trêfle incarnat* é quanto basta para inflamar o coração do incorrigivel bohemio. Demais, aquelle *sims*, pronunciado por invisiveis labios, tem uma expressão estonteadora... Mas o implacavel principe retira com Angèle, não sem ter exigido ao conde a sua palavra de honra de que nunca fará valer os seus direitos de marido.

O conde convida então o seu amigo Brissard a acompanhál-o n'uma viagem que deve terminar d'ahi a tres mezes, praso em que deve apresentar-se na embaixada suissa em Paris para tra-

se de novo com enorme intensidade. Quer falar-lhe, e, depois de lhe ter enviado um precioso collar de saphiras

A situação esclarece-se n'esse momento para Angèle, que não quer renunciar ao marido. Mas entre ambos existe, implacavel, um profundo abysmo. E' a palavra de honra out'ora dada pelo conde ao principe Basil, e em virtude da qual nunca poderá considerar Angèle como sua mulher. Resolvem ambos passar a noite no *foyer* do theatro. Na madrugada seguinte vão separar-se para sempre, e é então que apparece o anjo salvador, na figura da condessa de Kossoff, que acaba de chegar de S. Petersburgo para casar com o principe Basil. Depois de hesitar longamente, o principe restitue ao conde a sua palavra, e declara abandonar os direitos que pretendia fazer valer sobre Angèle.

O FILHO DO PRINCIPE

II

Mizzi Günther, a gentilissima cantora cuja criação na *Lästige Witwe* constituiu um dos exitos theatraes mais extraordinarios dos ultimos annos, e em quem Franz-Lehar encontrou a sua melhor interprete, é hoje uma figura do primeiro plano no meio artistico de Vienna. Não é

raro vê-la, a graciosa Mizzi, nas tardes elegantes do Prater, ostentando na sua equipagem as deliciosas *toilettes* que tornaram tradicional o seu bom gosto, e dão hoje as leis da moda feminina na capital do Danubio.

Reproduzindo agora algumas photographias de uma das suas ultimas creações scenicas, registamos assim o recente exito por ella obtido na deliciosa operetta *Das Fürstenkind*, o *Filho do Principe*.

A actriz Mizzi Günther,
a creadora
da *Viuva Alegre*





Lucinda com o pae

A CARREIRA DE UMA GRANDE ACTRIZ

LUCINDASIMOES

Lucinda é a segunda da dynastia que o velho actor Simões, seu pae, fundou á maneira d'um rei d'outras eras n'um rude batalhar e que Lucilia, como uma princezinha, toda ungida de legenda e toda sobresaltada de nervos, naturalmente terminará n'uma apothecose. Não estava, apesar de tudo, destinada ao theatro aquella mulher que

foi linda e se devia tornar a indiscutivel mestra do naturalismo na scena. O pae, farto dos trambulhões da vida, das surpresas, dos desganhos, quiz fazer da filha uma burguezita prendada, julgando que o collegio lhe reprimiria os assomos, a desviarla do palco. Na escola do Annaya—ao largo do Quintella—Lucinda levava a existencia de

todas as pensionistas, estudando com vontade, mas sentindo-se attrahida para as incertezas do theatro. A sua imaginação excitava-se com leituras e nas horas do recreio, repellindo as bonecas, arranjava largas phantasias que queria tornar realidades n'um scenario de bancos da aula; arrastava as condiscipulas para as suas queridas representações e se era pobre a decoração, na sua cabecita os bancos appareciam como castellos banhados de luar, a sala como uma planicie tragica onde o bater das reguas soava aos seus ouvidos igual a um tinido de espadas romanticas. Tinha treze annos. A's vezes, no tumulto da scena, onde era tudo, auctora, ensaiadora, actriz, os bancos caíam ruidosamente e as educandas ficavam quietas, todas coradas, frangidas, deante do Annaya que bradava: Ah! sim?! Temos barulho. Pois vão para o estudo mais cedo!

Ella entristecia sobre o compendio, mas d'ahi a pouco já sorria. E' que continuava a vêr os pagens, as donas, os castellos, a ouvir o choque das espadas finas, e, em vez da reprehensão do mestre, o balbuciar poetico de endexas amorosas n'uma linguagem nobre.

Tinha que ser actriz. Estreou-se aos quinze annos com o coração aos saltos. A peça chamava-se *Bemvinda*



- 1—Lucinda a primeira vez que representou em Madrid.
- 2—Lucinda quando recusada em todos os theatros.
- 3—Em solteira.

ou a noite de Natal, fôra dedicada á rainha D. Maria Pia e ao terminai, ella, sonhando com a gloria, lançara-se nos braços da mãe, d'aquella velhinha que ainda hoje vive na casa de Bemica, a dizer-lhe para a deixar ser actriz. Accederam os seus com um ai triste e foi para o Gymnasio, onde entrou nas *Alegrias do Lar*, sob o olhar vigilante do grande ensaiador Romão, o mestre de Tabor-da, Valle e Silva Pereira.

Mas de chofre entrou em Portugal a *operetta*. Appareceu saltitante, ligeira, toda salpicada pela lama de Paris. Santos Pitorra conduziria a n'uma alegria louca; o publico recebera-a com um favor extranho, attrahido pela musica e pelo rumor das saias. Durante dois annos, Lucinda, que não cantava, assistiu ao saltitar



A' volta de Madrid, onde representou pela segunda vez o *Demi-Monde*

a grande arte; desesperava-se a querer abandonar o theatro com a mesma vontade com que um amoroso se separa da mulher querida. O seu casamento salvou-a. Um artista de linha fidalga, galante, com a sua cabeça á Loulé, com o ar bravo d'um triumphador, disse-lhe que a amava. Dentro em pouco era esposa d'esse Furtado Coelho que creou uma legenda no Brazil para onde a levou, apaixonadamente e a tornou celebre. Ao cabo de alguns annos o esposo ficava em Londres e ella vinha para Lisboa, a descansar. Tinha saudades do theatro; queria representar, e dizia-o ao velho Annaya, seu antigo professor e amigo de Santos Pitorra: «Eu vou de graça, sr. Annaya! Eu quero mesmo de graça!...»

Santos exultou; tudo se farta, dizia. D'ahi a dias, porém, o celebre actor declarava tristemente:—Não pode ser. As damas do Normal não a querem lá!...

O capricho vivia mais intenso na sua cabecita intelligente. Mandou dizer ao marido o que se passava e elle, partindo acoadado de Inglaterra, pediu no Gymnasio a Polla: e na Trindade a Francisco Palha para se apresentar ao publico com a mulher. O mesmo entusiasmo, a mesma desillusão final. As actrizes não queriam! E era tudo.

Finalmente appareceram no Variedades, com artistas de magica

garrulo da *operetta* franceza e ouviu os estribilhos picantes com que a Letroublon emparvecia o janotismo da Baixa.

Andava desolada. Via perigar

ensaiados de corrida para as peças do repertorio e assim levaram *Dalila*, *Sapatinho de setim* e *Intimo*, onde trabalhou João Rosa, deante dos bancos ordinarios que os espectadores disputavam. El-rei D. Luiz quiz vêr os artistas, mas como no theatro não havia camarote real e a côrte não podia instalar-se no humilde mobiliario, alugaram o Gymnasio por uma noite. Foram tres enchentes successivas e quando quizeram a casa para mais um espectáculo receberam a seguinte resosta: «A sociedade artistica não vende m.is por muito dinheiro» que se lhe offereça.» Restava regressar ao Brazil. Foi o que fizeram. A côrte burgueza de Pedro II saudava-os;

o publico applaudia com carinho a grande artista que recebia a honra de ser comdecorada com a Nova Legião, commenda de beneficencia só usada pela imperatriz, pela princeza Isabel, pela baroneza de Tocantis e pela directora do collegio de Santa Candida.

De quando em quando as saudades traziam-nos a Portugal e n'uma das vezes fizeram parte d'uma companhia que foi a Madrid representar. Lucinda estrear-se-hia no *Demi-Monde* que a actríz italiana Marini ali representára ha pouco. Na vespera fôra ao theatro para dispôr a scena e o contra-regra puzera-se a dizer-lhe das difficuldades do trabalho deante de hespanhoes.

Ella encolheu os hom-



Lucinda quando representou no D. Amelia O Sr. Director

bro, retorquiu: «Se não agrada, vou para Portugal desde já. E olhe que não é um castigo. Mais depressa verei os filhos que lá deixei...»

D. Ramon Guerrero—o contra-regra—sorriu

Lucinda quando, no theatro Normal, representou *O casamento d'Olympia*





1—Duas grandes actrices: Lucinda e Lucilia.
 2—Lucinda, João, Augusto Rosa e Christiano.
 3—Lucinda e Brazão quando foram a Benavente representar
A manhã de Maio.
 4—Em Buenos Ayres: Lucinda, Lucilia e Christiano.

mais amigavelmente porque também tinha uma filha, uma creancinha que andava sempre pelos bastidores abrindo os seus grandes olhos negros para as artistas e que confiaria mais tarde a Lucinda

o seu desejo de entrar para o theatro. Com effeito, assim fez. E' hoje a primeira actriz da Hespanha e n'uma photographia, onde sorri no seu fato claro, escreveu: «*A mi actriz predilecta, a mi Lucinda. Maria Guerrero.*»

O velho contra-gra falava da difficuldade de serem entendidos os portuguezes, e, com effeito, D. Ma-

nuel Canhete, academico e secretario d'uma das princezas reaes, dizia uma vez a Polla que só comprehendia a linguagem de Furtado Coelho e de Lucinda, ao que o actor, molestado, voltou: «E' que veem do Brazil... O brasileiro entende-se melhor...»

N'essa occasião Pinheiro Chagas falou na Academia de Historia e D. Manuel Canhete tornou a fazer perguntas a Polla: «O' meu amigo... O Chagas tambem é brasileiro?»

—Qual?! E' nosso, muito nosso... Uma gloria portugueza...

—Pois de todos os oradores portuguezes que f'aram foi o unico que percebi...

Dois annos depois Lu inda fazia de novo em Madrid o papel de *Demi-Monde*, que era de Maria Tobau. Representava-o em portuguez e todos os outros artistas da Comedia na sua lingua. A grande actriz Mendonza Tenorio, que lhe cedera o camarim, foi ouvil-a para a concha do ponto d'onde lhe disse no final d'um acto: «Aqui é que est'u bem... A seus pés!...»

N'uma gentileza bem sua a nossa grande artista respondeu: «Não... assim é que a concha está completa... Tem a perola dentro...»

Por duas vezes esteve para não representar mais em Portugal, quan-





do Maria Guerrero lhe offereceu o lugar de sua directora de scena e quando Alexandre Dumas, filho, escreveu para ella a *Estrangeira*. Foi em Paris, em casa da mãe da singular mulher conhecida nas lettras por Gyp, que o auctor da *Dama das Camélias* falou da sua peça e em lhe arranjar um contracto para o Gymnase e que Sarcey, ante a sua belleza de morena, perguntava pasmado, no seu habito das lours e brancas artistas francezas, se aquella côr daria bem no theatro.

Lucinda não devia lá ficar. Furtado Coelho alvoroçado com os lucros do Brazil arrastou-a, levou-a de novo. Lá edificaram o theatro Lucinda.

Representaram de tudo; o seu grande repertorio com o theatro banal que ella sentia vontade de repudiar, mas que os acasos bruscos da vida a levaram a



Bismeta, bisavô e avô
(1902)
(Cliché de LUCIANO SIMÕES)

fazer. Assim Lucinda ensaiou centenaes de peças. Uma vez na casa de Bemfica Lucinda mostrou-me a



2—Na Blanchette—(Cliché de BOBONE)
3—A aposentação forçada de uma grande actriz
Lucinda regando as suas flores—(Clichés de RENOUET)



sua neta que tem uma figura de missesite estylisada com os cabellos louros d'um pagem da Renascença.

— Uma futura actriz, não é assim?...

— Oh! meu amigo! Uma espectadora, apenas!...

A creança acabára um retrato de Valle, o actor; sorria e o seu olhar intelligente perturbava-se. Espionava-a. Debruçava-se sobre o volume do *Theatre* aberto e analysava as paginas coloridas; os seus cabellos louros, muito louros, velavam-lhe o rosto. Estava attenta; de repente saiu; passou rapidamente deante da avó que a contemplava embevecida a murmurar: «A minha ingiezinha!...»

E então, a um ruído grande de derrocada, vindo do jardim, recordando os começos da grande actriz no collegio do Annaya, disse:

— Ah! Os bancos, D. Lucinda! Cautela! Não terá ella tambem a phantasia de os vêr como castellos banhados de luar?!

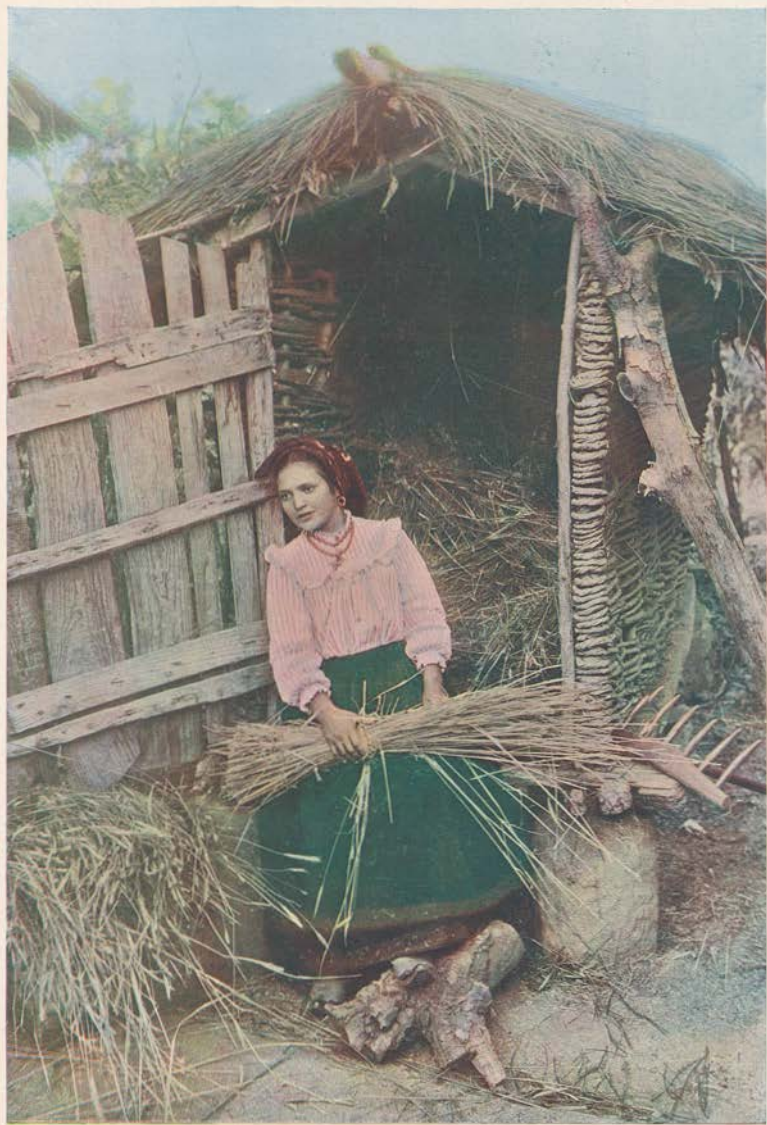
Lucinda ficou serena, bem consciente de que essa neta de tão lindo rosto e de cabellos tão louros, com o seu ar de *miss* e com o seu sorriso doce, não continuará a gloriosa dynastia. ROCHA MARTINS.



1—Lucinda com sua mãe e a sua neta. 2—A educação da neta. E' preciso amar as flores.

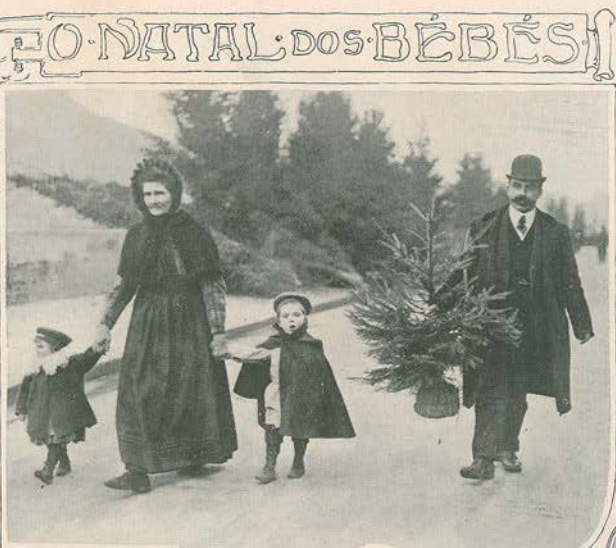
3—Uma diversão matinal.

4—No jardim da grande artista: Lucinda, Christiano de Souza, a mãe e a neta da actriz (Clichés de PENOLIEL)





O Natal traz para os pequenitos o sonho dos brinquedos, às vezes tantos, de tantas formas e feitios, que as suas mãositas cor de rosa hesitam na escolha. Deante das arvores do Natal, os mais turbulentos *bébés* aquietam-se, porque os fructos d'essas arvores de maravilha não lhes saem da vista deslumbrada.



2—Bébé hesita...
(Cliché DELIUS)

da. Andam agitadas a espreitar e mal ouvem pelas ruas o *glu-glu* dos bandos de perus sorriem, porque as aves parecem falar-lhes na chuva de brinquedos que vae cá e nas suas casas. Depois, pela noite, enquanto a família abanca deante da ceia, *bébé* adormece entre contente e pezaroso, desejando, em face das espingardas, dos tambores e dos soldadinhos de chumbo, alguma cousa ainda que faz alta ao seu espirito insaciavel: o brinquedo que não escolheu.



1—A arvore de Natal a caminho de casa.
(Cliché DELIUS)
3—As victimas do Natal
(Cliché BENOLIEL)



PERSONAGENS
O CONDE — (De uma elegancia viril, 35 annos).
A CONDESSA — (D'uma distincção de grande raça, 30 annos).
LUIZ — (Creado antigo de casa nobre, 70 annos).
MARIA — (cinco annos).

N'um quarto luxuosamente mobilado. Ao fundo um espelho sobre o fogão. A'E. uma contador antigo. A'D. uma 'chaise-longue' ao lado d'uma secretária. Portas á D. e E.

SCENA I

LUIZ, depois o CONDE

(Luiz, vestido de luto, está occupado em substituir as flores na floreira da secretária)

CONDE — (Entrando pela D. e pousando n'uma cadeira o sobretudo). — Luiz!

LUIZ — Ah! o senhor conde...

CONDE — Acabo de estar com a senhora viscondessa. Pobre senhora!

LUIZ — Ah! sim, pobre s'nhora!

CONDE — E tu, meu bom Luiz, passas agora a vida aqui, n'este quarto?

LUIZ — Estava a arranjar as flores... Era o costume quando elle era vivo... Senhor conde, não me sinto o mesmo desde aquelle terrivel acontecimento... Ainda hoje, apesar de já terem passado tres dias que o levaram d'aqui, tenho horas em que duvido da desgraça que me succedeu. Estimava o meu pobre amo como se fôra meu filio...

CONDE — E a desditosa viscondessa! Que infotunio! Encontrei-a tão abatida que nem sequer me achei com coragem para lhe dirigir palavras de consolação. Envelheceu n'um dia... Entregou-me as chaves da secretária e tambem a d'aquelle contador, para examinar os papeis e as cartas... A sua preocupação é que o sr. Julio tenha deixado quaesquer disposições em beneficio de alguém... E tudo entregou nas minhas mãos: as suas dividas, os seus segredos, os seus papeis... Era o seu melhor amigo... mais que um amigo: um irmão! E lembrar-me que a desventurada senhora nem sequer lhe deu um derradeiro beijo, nem se despediu do seu unico filio, morto aos vinte e oito annos! Foi um horror! Uma coisa terrivel!

Inquieta-me a idéa de que exista alguém a quem elle amasse n'este mundo, alguma mulher... talvez compromissos... filhos...

(O velho creado cae sobre uma cadeira chorando) Choras, Luiz?!

LUIZ (levantando-se) — Perdõe, senhor conde! Já não sei o que faço...

CONDE — Compreendo a tua dôr. Disseste ha pouco que estimavas Julio como se fôra teu filio.

LUIZ — Vi-o nascer, estive sempre a seu lado, acompanhei-o na infancia, nas viagens, a toda a parte, mais que o proprio pae que tão novo morreu... Posso até dizer que convivi com elle mais que a mãe, porque a senhora viscondessa reside ha muitos annos no campo. Estava aqui quando o levaram d'este quarto. Parece-me que ainda ali está deitado na cama, que o vejo immovel, sem vida!... (chora) Oh! senhor conde! Eu endoideço!

CONDE — O que farias se assistisses á queda do cavallo! Faz hoje uma semana!

LUIZ — E pelos modos parecia que adivinhava alguma desgraça!...

CONDE — Mudára n'estes ultimos tempos... Até cheguei a perguntar-lhe a razão d'essa mudança.

LUIZ (involuntariamente) — Oh! tinha um grande pesar, soffria muito...

CONDE — (que não ouviu as ultimas palavras de Luiz). Os seus papeis estão aqui, (aponta para a secretária) não é assim? E aqui (indica o contador) devem estar os mais importantes...

LUÍZ — (com vivacidade) V. ex.*
vae examinal-os agora mesmo?

CONDE — Já, já, não. Logo...
ainda hoje. Quero satisfazer o desejo da senho-
ra viscondessa e levar-lhe qualquer consolação,
o mais depressa possível. E tu vae ajudar-me.

LUÍZ — Da melhor vontade, senhor conde.

CONDE — Provavelmente conhecias os segre-
dos de teu amo. Podes servir-me de guia n'esta
tarefa grave.

LUÍZ — Se o senhor conde me quer dar essa
honra, até... *(cala-se de subito)*.

CONDE — Dize, Luiz...

LUÍZ — Lembrei-me apenas...

CONDE — Conta o que sabes... Alguma
mulher?!

LUÍZ — Não sei nada. O pouco que
sei não pode ter importancia. E' tal-
vez melhor o senhor conde deli-
xar isso para mais tarde, quan-
do estiver mais tranquillo, quan-
do a senhora viscondessa partir
para o campo.

CONDE — Tenho de me desem-
penhar d'esta missão delicada; é
necessário cumprir-lhe tão depres-
sa quanto a minha dor o permitta.
Até já, Luiz. Não me demoro
*(dirige-se para a porta da es-
querda)*.

LUÍZ — O senhor conde volta?

CONDE — Volta. Vou agora ter
com a senhora viscondessa, a
quem deixei com o medico. Pre-
ciso falar-lhe por causa do busto
que quer mandar fazer... Até já.
*(Decorridos alguns segundos,
entra pela porta da direita a con-
dessa, com precaução, desconfiada)*.

SCENA II

CONDESSA E LUÍZ

CONDESSA — Luiz!

LUÍZ — A senhora condessa
aqui?

CONDESSA — Está cá alguém?

LUÍZ — Ha um momento que
saíu o senhor conde.

CONDESSA — Meu marido?!

LUÍZ — Sim, minha se-

nhora. Foi ter com a senhora viscondessa.

CONDESSA — E ainda volta?

LUÍZ — Disse-me que voltava.

CONDESSA — Então sairá pela porta do
jardim. Não verá a minha carruagem.

LUÍZ — V. ex.* veio de carruagem?

CONDESSA — Ficou n'ella a creada com
minha filha; disse-lhes que vinha visitar a senhora vis-
condessa.

LUÍZ — V. ex.* aqui, n'este quarto! Que impru-
dencia!

CONDESSA — E as minhas cartas, os meus retratos?!

LUÍZ — Oh! senhora condessa!

CONDESSA — Antes que elle volte! *(corre
para a secretária, encontra uma gaveta
aberta e remexe nos papeis, febrilmente)*.

LUÍZ — A senhora condessa bem sabe
que não estão ali.

CONDESSA — Então onde, onde
estão? Meu Deus! Eu perco a ca-
beça! Luiz, dize-me onde estão?!

LUÍZ — No contador...

CONDESSA — Ah sim! E' verdade! *(procu-
ra abrir as gavetas)*. Fechadas! As chaves,
Luiz!? Quem tem as chaves?

LUÍZ — Não sei... ainda não sei quem as
tem... Eu me encarrego de tudo, senhora
condessa... Mas agora é melhor que v. ex.*
se retire... O senhor conde pode voltar. Pe-
ço-lhe que se vá embora.

CONDESSA — Mas não comprehendes que
morro d'anciedade? Não comprehendes? A sua
morte inesperada... Sem nada prevenir... E
qualquer bilhete, qualquer carta minha encon-



trada por meu marido pode perder-me
para sempre!

LUÍZ — Compreendo muito bem, mas
agora é impossivel. Confie em mim, se-
nhora condessa... deixe tudo por minha
conta.

CONDESSA — Não; não saio d'a-
qui...

LUÍZ — Mas o que a senhora quer é impossivel!

CONDESSA — Impossivel?! Porque? Tu não vês
que eu morro de medo? Meu Deus! As chaves? Onde
estão as chaves? Quem tem as chaves?

LUÍZ — Eu não as tenho, minha senhora.

CONDESSA — A viscondessa?

LUÍZ — Socogue; pôde vir alguém...

CONDESSA — Quem tem as chaves, dize?!

Queres perder-me, Luiz?

LUÍZ — Eu?!

CONDESSA — Então quem as tem?
Dize, por amor de Deus, dize!

LUIZ — O senhor conde!

CONDESSA (*anniquilada*) — Meu marido?!

LUIZ — A senhora viscondessa entregou-as ao senhor conde para pôr em ordem tudo quanto pertencia ao filho.

CONDESSA — Mas as minhas cartas estão ali dentro!

LUIZ — Senhora condessa, socegue...

CONDESSA — E como queres tu que eu socegue?

LUIZ — Farei tudo o que possa... Quando vir as cartas da senhora condessa, escondel-as-hei.

CONDESSA — Ah! eu enlouqueço! (*aproxima-se do contador e procura arrumar a fechadura*).

LUIZ — O senhor conde pode voltar d'um momento para o outro. Senhora condessa, por piedade!



CONDESSA — Sim! E abrirá o contador e encontrará as minhas cartas! Ah! Eu perco o juízo!

LUIZ — Peça-lhe que confie em mim, senhora condessa... A sua insistência pode trazer-nos uma nova desgraça.

CONDESSA — Sim! Nova desgraça, maior ainda que a succedida! Minha filha! Minha mãe! O meu nome!

LUIZ — Por sua filha lhe peço que se vá embora... O senhor conde pode entrar. Como explicará v. ex.^a a sua presença n'este quarto?

CONDESSA — Elle não desconfia de nada?

LUIZ — De nada.

CONDESSA (*decidida*) — Então fico! Explicarei a minha presença de qualquer modo. O principal é que meu marido não permaneça aqui só, um unico momento.

E tu, Luiz, has de salvar-me! Vê-nho ter contigo esta noite...

LUIZ — Esta noite?!

CONDESSA — E procuraremos... queimarmos as cartas... Destruiremos tudo...

LUIZ — Senhora condessa, e a minha responsabilidade?...

CONDESSA — O que é a tua responsabilidade comparada com a minha honra?...

LUIZ — Julgarão...

CONDESSA — Quem desconfia de ti? Queres que deixe um nome infamado á minha filha? Só tu me podes salvar! Espero aqui meu marido e não o deixarei só. Jura-me, Luiz, que farás o que te peço; jura-m'o pelo nome de Julio, promette-me que farás isto por amor d'elle?

LUIZ (*com solemnidade*) — Farei tudo para salvar a senhora condessa. Agora socegue, enxugue as lagrimas. Ha ali um espelho... Depressa, por amor de Deus! Vem ahi o senhor conde... Sinto passos... Depressa!

SCENA III

OS MESMOS E CONDE

CONDE — Tu aqui?

CONDESSA — Sai de carruagem com a Maria... Lembrei-me de que estivesses cá e entrei...

CONDE (*admirado*) — N'este quarto?!

CONDESSA — Procurava a viscondessa.

CONDE — Vae ter com ella. Estimará vê-te.

CONDESSA — Vamos ambos.

CONDE — Venho agora de lá. Sofre immenso!

CONDESSA — E' talvez melhor deixal-a socegar.

CONDE — A Maria ficou em baixo?

CONDESSA — Deixel-a na carruagem. Vamos?

CONDE — Ainda não.

CONDESSA — Ha tanta tristeza n'esta casa!

CONDE — Para que vies-

te? O melhor é irs embora. Vae dar um passeio com a pequena. Irei depois ter contigo.

CONDESSA (*insistindo*) — Vem connosco, Mario!

CONDE — Não posso. Ficou de procurar-me o escultor...

CONDESSA — Pode demorar-se...

CONDE — Meia hora... talvez nem tanto.

CONDESSA — Espero então por ti.

CONDE — Não, Olga, para quê?

CONDESSA — Quero estar ao pé de ti. Sinto-te tão triste!

CONDE — Como quizeres (*para Luiz*). Meu caro Luiz, manda dizer á creada que espere por nós. Vou escrever um bilhete que tu entregarás ao escultor quando vier.

LUIZ — Muito bem, senhor conde (sae).

SCENA IV
CONDE E CONDESSA

CONDE (*senta-se á secretária e prepara-se para escrever*) — O estado da viscondessa inspira dó. Aconselhei-a a que partisse para o campo. E' necessario tiral-a o mais depressa possivel d'esta casa cheia de amargas recordações. Nada aqui tem a fazer desde que me confiou a tarefa de examinar os papeis do filho e de executar as suas ultimas vontades... Tanto desejava descançar!

CONDE (*como despertando*) — Pois vamos! Vou escrever duas linhas. Deixarei ao Luiz o retrato de Julio e sairemos... (*senta-se e escreve. Passado um instante*). O escultor tem de começar já a trabalhar... A viscondessa quer collocar o busto do filho no parque da casa de campo... (*Levanta-se. A condessa observa attentamente cada um dos seus passos. O conde aproxima-se do contador*).

CONDESSA (*estupefacta*) — Que fazes?

CONDE — Vou abrir este contador.

CONDESSA — Para quê?

CONDE (*surprehendido*) — Para quê? Para



Iremos, findo que seja tudo isto, passar umas semanas á Suissa. Preciso distrair-me, esquecer-me, mas...

CONDESSA — Mas?

CONDE (*levantando-se*) — E' preciso primeiro cumprir este doloroso dever. Tu sabes calcular, querida Olga, quanto me custa estar aqui, n'este quarto, onde passei tantas horas alegres com Julio!

CONDESSA (*insistindo com meiguice e procurando conservar um aspecto tranquillo*) — Vem, Mario! Vamos embora!

CONDE — Recordo-me quando voltou da sua longa viagem. Que contentamento! Não nos viamos havia tres annos! Encontrou-me casado e pae da nossa Maria...

CONDESSA — Essas recordações entristecem-te. Vamo-nos embora... A Maria está á nossa espera...

procurar o retrato de Julio; creio que deve estar aqui...

CONDESSA — Porque vaes tratar já d'isso? Espera alguns dias, para quando estiveres mais socegado...

CONDE — Prometti á viscondessa a que me occuparia do busto sem perda d'um momento.

CONDESSA — Espera, ao menos, até amanhã.

CONDE (*com doçura*) — Já escrevi o bilhete, metter-lhe-hei dentro a photographia e iremos embora (*vae para dar volta á chave*).

CONDESSA (*detendo-o*) — Não tabr's!

CONDE — Porque?

CONDESSA — Podes encontrar n'essa gaveta alguma coisa que te affilia e entristeça... E tu estás tão apprehensivo, tão impressionado!

CONDE — Conservarei o sangue frio

(com ternura). Tranquillisa-te, Olga!

CONDESSA (supplicante) — Não abras, peço-te!

CONDE — Estranho-te cada vez mais! (olha para ella e repara na sua pallidez). Es ás a tremer... Olga, que tens u?

CONDESSA — Vamo nos d'aqui! Supplico-te!

CONDE — O teu te tor é absurdo...

CONDESSA — Não, não! Ouve-me, Mario! Vou confessar-te a verdade. Menti-te até agora. Quero explicar-te a minha presença aqui!

CONDE — Até que enfim! Porque o teu modo de proceder começava a intrigar-me...

CONDESSA — Tens razão. Contar-te-hei tudo. E' um segredo!

CONDE — Um segredo?!

CONDE — E depois?

CONDESSA — Como Julio morreu de repente, as cartas e as photographias ficaram entre os seus papeis...

CONDE — Continúa...

CONDESSA — E' necessario devolver essas cartas, ou que as rasgue alguem que esteja na confidencia d'esse segredo...

CONDE — E's tu esse alguem?

CONDESSA — Sou eu a unica pessoa que sabia d'essas relações e foi a mim que essa pobre mulher se dirigiu para o desempenho d'essa missão. Deixei-a tão desesperada, pediu-me com tanto empenho... E' uma mulher casada... Aceitando este encargo julguei praticar uma obra de caridade, salvá-a d'um grande perigo.

CONDE — E. acceitaste?

CONDESSA (horrorisada com a impressão causada pelas suas palavras, mas recuperando animo) — Era digna d'este sacrificio. E' mais infeliz que culpada! Foi boa esposa e boa mãe, conheceu Ju io e, n'um momento de loucura, succumbiu. A expiação tem sido dolorosa... Tem soffrido immenso. Porque ha de ficar coberta de vergonha e desgraçada? Não é verdade, Ma io, que não me podia recusar a praticar esta obra de misericordia?

CONDE — E era isso que querias fazer: tão mysteriosamente?

CONDESSA — Julguei que o pudes-se conseguir sósinha.

CONDE — Sósinha?!

CONDESSA — Sim, não o nego. Aproveitando a amizade que me ligava á viscondessa, vim aqui, vêr se obtinha com o auxilio do Luiz...

CONDE (interrompendo) — Procederis melhor se te dirigisses directamente a mim.

CONDESSA — Não sabia que a viscondessa te encarregára de examinar os seus papeis. Depois... era um segredo!

CONDE — E tu, teu marido, não te inspiro confiança? Que vamos fazer agora?

CONDESSA — Agora, como sabes

tudo, espero que me ajudaras.

CONDE (fitando-a interrogativamente) — Queres então que não abra este contador?

CONDESSA — Consente que seja eu quem o abra.

CONDE — Já?

CONDESSA — Já!

CONDE — E's tu que queres examinar os papeis de Julio?

CONDESSA — Como ninguém deve saber o nome d'essa mulher...

CONDE — E não podemos cumprir ambos os deveres que nos impuzeram? Não me consideras capaz de guardar esse segredo como tu? Não é a curiosidade que me leva a contrariar os teus desejos. Não posso consentir que outra pessoa, a não ser eu, revolve aquellas gavetas. Podem ali existir outros segredos

CONDESSA (para ganhar tempo) — Vê se não ha ninguém.

CONDE (olhando em redor de si) — Não ha ninguém.

CONDESSA — Meu Deus! Dae-me animo!

CONDE (atravessa a scena e senta-se) — Ouço-te.

CONDESSA (depois d'uma pausa) — Como te disse, é um segredo. E' escusado pedir que me dêes a t a palavra de que ficarás entre nos o que te vou dizer...

CONDE — O que vaes contar-me é assim tão grave?

CONDESSA — Julio... mantinha relações com uma senhora a quem eu... (interrompe-se de novo).

CONDE — A quem tu conheces?

CONDESSA — Uma amiga d'infancia. Possua cartas e retratos d'essa senhora...

N'uma palavra, tudo quanto a pode comprometter...

que a mãe de Julio quer que só eu conheça (*mudando de tom*). Não vale a pena discutir. Trataremos d'este assumpto mais tarde, quando ambos estivermos mais serenos. N'este momento só quero o retrato (*aproxima-se do contador*).

CONDESSA — Lembra te que essa mulher morre d'anciedade, que espera o meu regresso como a salvação!

CONDE — Porque não me deixaste ha pouco brincar as gavetas?

CONDESSA — Esperava poder fazel-o sósinha. Agora, como já sabes tudo, não quero perder nem um momento.

CONDE — Podes assegurar lhe que ninguém aqui virá, que ninguém lerá as suas cartas. Serlhe-hão entregues brevemente.

CONDESSA — Aberto o contador, será descoberto o seu segredo.

CONDE (*depois d'um momento de reflexão*) — Teimas? Tão pouco confias no teu marido? Não queres que trate d'esse negocio, pelo qual tanto te arriscas?

CONDESSA — D'elle depende... a honra d'uma mulher!

CONDE (*irritado, mas procurando conservar-se sereno*) — Parece que me tomas por alguém que não sabe o que é a honra d'uma mulher! (*fita-a demoradamente*). Olga, tu encobres-me alguma coisa! E' a primeira vez que te não mostras franca commigo. A tal mulher parece ser pessoa que muito de perto te toca!...

CONDESSA (*perplexa*) — E'!

CONDE — E' necessario que me expliques o teu singular procedimento. Com os teus mysterios prejudicas mais a tua amiga do que a serves. Penalisa-me que chames amiga a uma mulher d'essas! A defeza que empregas é nociva á sua causa, e depois... conheço todas as tuas amigas e não me é licito culpar nenhuma...

CONDESSA — Ah! não! Todas as tuas supposições...

CONDE — Não, supponho nada. Sou bastante nobre para fazer qualquer suposição!

CONDESSA (*que perde a esperança de vencer*) — E porque razão fazes todas essas

perguntas?

CONDE — Para explicar a tua conducta. E' a primeira censura que me vejo obrigado a dirigir-te. Tu só pensaste na honra da mulher e esqueceste-te de todo da honra do marido. Não sei que especie de relações houve entre Julio e essa creatura, mas como o amigo a quem entregaram o que ha de mais melindroso no seu espolio, é necessario que saiba...

CONDESSA — Mas o teu amigo já não vive!

CONDE — Mais uma razão! Ficou o seu nome. E' dever meu zelar a sua memoria. Agora, se queres, vamos abrir o contador.

CONDESSA — Que modo singular os homens tem d'encarar as coisas! Na vida, só existe a honra do marido: da mulher, nunca! Até quando o homem in'ama a mulher, os mais austeros tomam o partido d'elle!

CONDE — Olga! E's tu que me falas assim?!

CONDESSA — Perdoa! Perdoa! Tomei a defeza demasiado a peito... O perigo que a ameaça...

CONDE — Perigo?! E' de mim quem provém esse perigo? Olga, tu occultas-me alguma coisa Olga, olha para mim! (*A condeessa sesconde o*



rosto nas mãos. O conde abre o contador com precipitação e tira da gaveta um pacote sellado, atado com uma fita.)

CONDESSA (*erguendo-se com violencia*) —

Não abras isso! São as cartas!

CONDE — Como o sabes tu?!

CONDESSA — Supponho... tenho a certeza... (*o conde colloca o pacote sobre a secretária e vai para o abrir.*) Dá-me isso... não abras! (*tendo que o conde quebra o lacre.*) Uma palavra só, Mاريو! Ouve! Nem tu nem eu abriremos esse pacote... A viscondessa que o abra!

CONDE — A viscondessa?!

CONDESSA — Condescende a que seja ella quem o abra!

CONDE (*colerico*) — Tens assim tanta certeza que estejam n'este pacote as car-

tas d'essa mulher? Como queres pedir á viscondessa que o abra, mergulhada, como está, em tão profundo pesar? Permite que eu mesmo o abra!

CONDESSA — Não, não faças isso! Lê! (mostra-lhe o que está escripto no pacote).

CONDE (lendo) — «Queimar sem abrir.» Bem, Olga, não abrirei este pacote, mas quero saber a nome d'essa mulher!

CONDESSA (com energia, tendo ainda a esperança de vencer) — Para quê?

CONDE — Nem eu sei para que, mas preciso saber... é necessário que o saiba...

CONDESSA — Impossível!

CONDE — Estou decidido a conhecer esse nome a todo o custo!



CONDESSA — Não abrirás esse maço de cartas? CONDE — Não sei.

CONDESSA — Não tens direito a fazel-o.

CONDE — E se o fizesse?

CONDESSA — A tua honra não te consente uma tal acção.

CONDE — Tinha uma desculpa.

CONDESSA (n'um alvoroço de medo) — Eras capaz de praticar um acto tão indigno?! Não, Mario! Não acredito!

CONDE — Ouve, Olga... Vem cá... Porque procedes assim commigo? Queres semear a discórdia entre nós por causa de uma mulher infame? Dize-me porque... Revela-me o seu nome...

CONDESSA — Não devo!

CONDE — Não m'o dizes? (caminha agitado para a secretária e rasga nervosamente o involucre

do maço de cartas). Pois vou sabel-o!

CONDESSA — Não, não, Mario! Supplico-te em nome da nossa filha, da nossa Maria! (Vendo porém que os seus rogos são inúteis e que o marido continua a rasgar o involucre das cartas, todo o seu desespero se transmuta em furiosa revolta) Miserável!

CONDE — (como se comprehendesse tudo áquella indomável grita) — Julio? Não! E' impossível! (e com agitada violencia acaba de abrir o pacote de cartas, onde logo se lhe depara o retrato da condessa) Olga! (A sua cabeça abate entre as mãos abertas, e cae n'uma cadeira, prostrado pela surpresa da revelação terrível) Amigo! E amei-o eu como um irmão! A minha casa... o meu nome... (O soluço da condessa desperta-o do seu doloroso desvario. Enfurecido, ergue-se. O seu olhar encontra sobre a secretária o retrato da condessa, que elle desvairadamente rasga e arremessa ao chão. Caminha depois para a mulher, ameaçador) Infame! Infame! E se te matares aqui, onde deshonraste o meu nome! (As suas mãos iradas quasi a afogam; mas de repente a sua colera converte-se n'um altíquo desdem. Approxima-se da secretária, atira o pacote de cartas para a gazeta do contador, que fecha, e aponta a porta á condessa) Saia! Fôra!

CONDESSA (com uma debil voz implorante) — Mario! Piedade!

CONDE — Não te farei mal... Mas desaparece da minha vista!

CONDESSA — Piedade! Tem piedade!

(Abre-se de manso a porta da D.)

LUIZ (do lado de fóra) — Senhor conde, é a menina Maria...

CONDE (magoadamente) — A minha filha!

A creança, vestida de branco, entra a correr, chamando: «Mãe! Mãe!». A mãe precipita-se, de braços abertos, para a filha. Então, rápido, o pai interpõe-se, levanta nos braços a creança, beija-a phreneticamente e recua passo a passo, como querendo salvar a filha d'algum grande perigo que a ameaça.

— Não, minha filha! Tu não podes entrar aqui!

CONDESSA (vendo que a abandonam, n'um grito de desespero) — Mario! Minha filha!

CONDE (energicamente) — Deixou de ser tua! E' só minha!

Clichés da Photographia Vasques. Interpretação dos actores do theatro D. Maria, srs. Carlos Santos e Pinto de Campos e D. Maria Pia d'Almeida.



Mimi Aguglia

N'esse grande animatographo theatral que é o palco do D. Amélia, acabou de passar a fita archi-dramatica de Mimi Aguglia. E' ainda uma actriz italiana d'essa nobre, prolifera e classica progenitura latina que já no tempo aureo de Augusto, tendo assimilado, com o instincto soffrego de conquista que caracterizou os romanos, a arte scenica dos gregos, interpretava os lancinantes conflictos de Seneca e as tragédias hellenicis. Esta siciliana, tão maravilhosamente dotada para reviver em scena, em exteriorisações pungentes, os dramas de violencia determinados pelos embates dos instinctos, não é apenas uma das actrizes mais prodigiosas que, entre tantas celebres actrizes, temos contemplado agitar-se e debater-se n'um palco. A sua arte, não só pelos seus espantosos recursos, nos emociona. As platéas da America e da Europa, que veem de acclamar-a em irremovíveis e una-



1—Retrato da actriz tirado
em Barcelona
2—Outro retrato da actriz tirado
em Barcelona
(Clichés de ANDONARD)
3—Na Filha de Jovo



nimes movimentos de entusiasmo, não experimentaram apenas a sedução imperiosa da sua arte perfeita. Foram sobretudo subjugadas pela elementar simplicidade das dores que ella tão admiravelmente interpreta. Essas mulheres barbaramente inconscientes, de uma innocencia animal mesmo no crime, victimadas pelo amor, submettidas á fatalidade dos instinctos e das superstições — essas



po allivia e atemorisa, o d'esses dramas summarios em que as creaturas se submettem sem opposição aos sacrificios e contin-

gencias das paixões, desencadeadas com a plebeia violencia



- e 2 — Na Malia
3 — O primeiro retrato p. rtuguez de Mini Aguilá, no jardim de inverno do theatro D. Amelia — (Cliché de BONOLIEL)
4 — Retrato da actriz tirado em Barcelona
5 — Outra photographia da actriz feita em Barcelona (Clichés ANDONARD)

mulheres rusticas que constituem a sua dramatica galeria, exercem um empolgante dominio sobre os espectadores, pela ausencia de complicações na sua estructura moral. E' um espectáculo que ao mesmo tem-





de todos os conflictos em que não intervem o correctivo salutar do raciocínio. E o mecanismo singelo d'essas acções precipitadas constitue um contraste impressionador com as complexidades envolventes d'esse outro theatro que incha as scenas contemporaneas, e onde a vida está na dependencia de uma confusa legislação de preconceitos, de transigencias, de dissimulações, de convencionaes mentiras e de paradoxaes direitos. O drama moderno é na sua maxima parte um drama intellectual, pela dominante intervenção do pensamento na solução dos conflictos humanos. D'ahi a necessidade de reduzir a uma sobriedade de attitudes e de expressões physionomicas a mimica theatral, á qual se abre apenas o recurso das subtilissimas gradações a que recorre a Duse, auxiliada pelo poder genial de exteriorisar e exprimir as mais indeleveis emoções mentaes. O



1—Na Malia
2—Na Filha de Jorvo



theatro favorito de Mimi Aguglia permittte-lhe todos os excessos. Como a *Cassandra*, de Cassini, o seu rosto transfigura-se e decompõe-se em mascaras dolorosas. A violencia das suas indomaveis amarguras contagia todos os corações, mesmo os mais insensíveis. Ella é a exhibição dilacerante da humilde creatura, abandonada á tyrannia dos sentimentos. E com que sinceridade ardente ella se entrega aos dramas que interpreta! Dir-se-hia que empresta o corpo á encarnação d'essas almas afflictas, cujas paixões passam por ella, devastadoras e palpitantes!

Perante as suas agonias, pelos camarcotes, sob as abas dos chapéus de feltro emplumados, as mulheres deixam cair as lagrimas, e ainda no automovei, embrulhadas nas capas, a caminho de casa, cos seus frivolos corações de boneca sentem a trespasssal-os a enervante commoção de que as contagiou a sici-liana, exhibindo, ante o seu convencionalismo vestido de seda, a sua humilde verdade : trajada de farrapos.



O TRAVESTI NO THEATRO PORTUGUEZ

já a revolta posta em scena mas era tambem o *travesti*. Em Portugal nos momos e entremezes como os d'Evora, em que entrou D. João II, apparecia o rei da Guiné com duzentos bailarinos, alguns d'elles naturalmente em trajos femininos. Nas peças de Gil Vicente as mulheres representam como na farça *Quem tem farellos* onde ha a celebre canção :

Si dormis doncella

Nas *Côrtes de Jupiter* feita por occasião da partida da infanta, amada de Bernardim, para Saboya, entravam mulheres e em todo o theatro d'aoutos feito nos conventos as monjas não desdenhavam as vestes masculinas, pesarosas sem duvida de não poderem contrascenar com os apaixonados que rondavam as grades dos mosteiros. No seculo XVII uma companhia de saltimbancos inglezes representava pela côrte mostrando-se homens em papeis de mulheres como nos bandos de comicos hespanhoes, que andavam correndo mundo, algumas das fêmeas se mascaravam no fato do sexo forte. Quem sabe se a Josepha Vacca, que representava com donaire ou a Baltazara Ermitôa não envergaram os justilhos e não se embuçaram nas capas dos cavalleiros requisitado-



1—Palmyra Bastos
no Grande Cagliostro, travesti
do principe D. José
(Cliché da phot. ALLEMA)
2—Palmyra Bastos no *Bocaccio*
(Cliché da phot. GURDES)
3—Adelina Abranches,
nas *Proezas de Richelieu*
(Cliché de V. RODRIGUES)

«Vamos agora. Vistam os disfarces, calcem os sapatos laconios e andem como os homens quando vão para as reuniões ou a passeio. Ajustem bem as barbas, envolvam-se nos mantos roubados aos seus maridos, apoiem-se aos bastões e ponham-se a caminho, fazendo côro a alguma velha canção para imitar os camponeses em marcha».

Assim falava Praxagora, na comedia *As Arengueiras* de Aristophanes, representada no anno oitenta e seis da Olympiada, trezentos e noventa e tres annos antes de Christo, em que já se falava das reivindicações do sexo gracil, em partilhar a terra, na communitade triumphante e no amor livre. Era





- 1—A actriz Logicollo no *Anno em Tres Dias*
 2—A actriz Dalila Motilli no *Faiz do Vinho*
(Cliché FERNANDES)
 3—Adelina Abranches na *Maria da Fonte*
 4—Angela Pinto nos *25 dias de Clarinha*
(Cliché BORONI)





res?! A Baltazara fez-se freira. Foi o seu ultimo papel, porque naturalmente sentiu que lhe ficava bem ao rosto redondinho o capello branco.

No convento da Esperança, onde soror Maria do Ceu escrevia peças, ali pelo anno de mil seiscentos e cincoenta e oito, decerto as recolhidas se travestiam e o habito devia ficar com os autos da freira para ainda fazerem sorrir a rainha Maria Francisca de Saboya enamorada do cunhado quando ali aguardava o dia de nupcias. N'esse tempo representava-se muito em Portugal; na corte as tragedias ao vivo, no pateo dos Condes os *bonifrates*, nos conventos os jesuitas em peças sacras nas quaes as santas deviam ser apresentadas na pessoa de alguns noviços.

O theatro do *Judeu* fez verdadeiras atrizes e na *Castro* de Nicolau Luiz apparece a Cecilia Rosa cheia de nomeada nas taboas do palco do Bairro Alto. David Perez, mestre de capella de D. José, educa uma comica, Luiza Rosa d'Aguiar, que representou no *Tartufo*.

Quando chegou D. Maria I tudo isso acabou. A Zampérini fizera andar a cabeça á roda ao conde d'Oeiras, que lhe arranjára theatro por acções entre os seus amigos, no valor de cem mil cruzados.

A rainha, toda cheia de preconceitos beatos, não queria as mulheres em scena. Primeiro mandou fechar os theatros porque eram um desabuso; depois consentiu que abrissem mas com a condição dos homens tomarem para si os papeis de mulheres. Foi a baixa epoca do effeminamento. As comicas de barba bem escanhoadas, imitando os donaires das mulheres, alguns deixando crescer os cabellos, tregeitando como donas, diziam do palco as partes d'amorosas e o

publico pasmava de semelhança moral. O *travesti* era a moda, mas o mais desgraçado, o mais irritante, era que se queria fazer tomar a serio, n'um theatro que ia renascendo, a multidão de castrados dedicada á vida do palco.

As vocações como as de Cecilia Rosa, de Luiza d'Aguiar e de sua irmã Cecilia, que representára na *Alzira* e na *Zaira* traduzidas pelo medico Seixas, tinham que se calar. Não podia haver atrizes. A rainha, que tanto mal fez ao reino, muito mal fez tambem á arte. Quando os theatros reabriram, Manuel de Figueiredo, no seu entremez *Castanheira*, queixou-se amargamente da falta de mulheres em scena. Outros supplicavam que as deixassem ao menos levar peças



1—Adeina Abranches no *Avarento* (em recita de Carnaval) (Cliché da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA)

2—A actriz Avelia Pereira no *Vizinha a Saltar* (Cliché de FERNANDES)
3—O actor Valle na *Madrinha de Charley* (Cliché de HENRIQUE GORGES)





comicas
e tragi-
cas representa-
das só por hu-
mens como fize-
ram Paulino Jo-
sé da Silva, em-
prezario, e Henrique
Quintino, dono do
theatro da rua
dos Condes.

As mulheres
appareceram de-
pois em scena
sobretudo no
theatro ly-
rico e vie-
ram então



as scenas de terrivel emula-
ção entre ellas e os castrados
que desejavam continuar a ap-
parecer no palco fa-
zendo os papeis a que
se tinham dedicado.
Assim no tempo do
principe regente, em
1801, houve a mais
tremenda d'essas lu-
ctas entre Angelica
Catalani—a celebre cantora de

quem Bocage fa-
lava—e Jeronymo
Crescentini, so-
prano e director
da companhia que
se sentia ofusca-
do pela mulher
de quem o poeta
bohemio dizia ati-
rando-se a José
Agostinho, n'um
impeto de colera
e a defender a
actriz:

Que disseras mordaz quando a
minha
Quando a celeste Catalani exhalava
Milagres de ternura e d'harmo-
nia?
Sim, que disseras, se, extragan-
do a scena
De roquesinha bandura um bil-
tre armado
Ante a assembléa extatica impun-
gisse
Self, mizomba, hispanico, bo-
lero?

Crescentini elama-
va que a artista lhe
prejudicava os meri-
tos e a guerrela
n'esta alta questão
do *travesti* só acal-
mou quando a
Catalani se deixou pren-
der pelo amor do c
ipitão
francez Valabregue, aju-
dante de Lannes,
então minis-
tro em Lisboa
e que deu a demissão para tomar o
logar rendoso de marido compla-
cente d'uma *prima donna*. Crescen-
tini—o *Orpheu italiano*—respirou
emfim.

Onde o *travesti* teve tambem a sua
epoca de veras prolongada foi na re-
cita de estudantes em Coimbra. Em
1813, Garrett, com Larcher e José Ma-
ria Grande, que fazia os papeis de
dama, representaram no theatro aca-
demico as paças *Lucrecia* e *Xerxes*. Em
1821 era já um pouco mais a serio
que se representava *Catão* no thea-
tro do Bairro Alto, edificado
onde é hoje a Companhia de
Carruagenas de S. Roque e
que ainda re-
cordava o en-
thusiasmo com
que se applaudi-
ra ali o actor sa-
pateiro João da
Matta.



A actriz Julia Mendes
na revista A B C
(Chiclé VASQUES)



Angela Pinto no Hamlet
(Chiclé de CARDOZO E CORREIA)

Logo que o theatro entrou na sua remodelação com as peças de Garrett e Mendes Leal, surgiu a nossa mais brilhante actriz que foi também, como em França a Dejazet, a grande mulher do *travesti*. Era a Emilia das Neves. O conde de Farrobo admirára a Dejazet na comedia *Les premières armes de Richelieu* e falára com Emilio Doux para serem representadas em Lisboa. Traduziu-se a peça com o titulo *Proezas de Richelieu* e a grande actriz

representou esse *travesti* a ponto do jornal *A Reforma*, quando a actriz Dargis levou a peça em Lisboa, dizer que ella ficára áquem de Emilia das Neves n'essa comedia em que muitos annos depois Adeline Branches devia fazer com grande brilho a mesma personagem. O *Nacional*, em 1848, escrevia quando Emilia das Neves levou a peça no Porto: «As *Proezas de Richelieu* foram as proezas da sr.^a Emilia.» Confessamos a



nossa fraqueza: nunca desejámos tanto ser mulher para nos deixarmos render por tão seductor cavalheiro.» Como se vê, o articulista desejava também um *travesti*. Mais tarde, no theatro D. Fernando, a actriz fez o papel de Williams Seymour na peça *Um episodio do Reinado de Jacques I*. Representou na *Mocidade de D. João V*, de Rebello da Silva, o papel de rei, dizendo o jornal *Lutim* a tal respeito: «*Nous n'avons jamais vu sur la scene portugaise rien de plus noble comme maniere ni de plus remarquable comme execution.*» Fez ainda um *travesti* no *Retrato vivo* e no *Casamento de Luiz XV*. Um *travesti* que tem agradado immenso ás actrizes portuguezas é o da *Morgadinha de Valflôr* feito com esmero por Emilia Adelaide, Amelia Vieira, Augusta Cordeiro e muitas outras. Anna Pereira teve também na sua carreira artistica um grande numero de *travestis*. Adeline desde *A Morgadinha de Val do Pereiro* até ao *Fagulha da Maria da Fonte*, do *Richelieu* ao *Acarento* tem marcado a sua grande arte nos difficeis *travestis*. Angela fez o nevrotico *Hamlet* no Brazil. Palmyra Bastos, além dos *travestis* de operetta, innumerados na sua vida artistica, representou magistralmente o principe D. José na peça *O Grande Cagliostro*, de Carlos Malheiros Dias. Loppiccolo, Amelia Pereira e outras te m feito bellos *travestis* de revistas e até Virginia—a grande artista do sentimento—fez umas noites o principe Cornello Gil da *Gran Duquesa*. A actriz Delphina Cruz recusou-se no theatro D. Maria a fazer um *travesti* na peça *Catharina*, allegando que não queria mostrar-se vestida de homem, mas depois não resistiu ao garbo que taes papeis emprestam, e mezes depois *travestiu-se* n'uma revista.

Dos homens, Valle, Cardoso e Telmo teem-se *travestido*, destacando o trabalho de Valle na *Madrinha de Charley*. E eis como no theatro portuguez, onde desgraciosamente, durante um largo tempo, os actores envergaram as roupás feminis, as mulheres apparecem em toda a sua gentileza e graça nos trajos vistosos usados pelos homens nos tempos de galanteria e mesmo nos fatos da nossa epoca que—tanto lhes prejudica a belleza e o *donaire*.



A actriz Pepa Ruiz no papel de Gillette na opera comica Archiduquesa

Angela fez o nevrotico *Hamlet* no Brazil. Palmyra Bastos, além dos *travestis* de operetta, innumerados na sua vida artistica, representou magistralmente o principe D. José na peça *O Grande Cagliostro*, de Carlos Malheiros Dias. Loppiccolo, Amelia Pereira e outras te m feito bellos *travestis* de revistas e até Virginia—a grande artista do sentimento—fez umas noites o principe Cornello Gil da *Gran Duquesa*. A actriz Delphina Cruz recusou-se no theatro D. Maria a fazer um *travesti* na peça *Catharina*, allegando que não queria mostrar-se vestida de homem, mas depois não resistiu ao garbo que taes papeis emprestam, e mezes depois *travestiu-se* n'uma revista.

Dos homens, Valle, Cardoso e Telmo teem-se *travestido*, destacando o trabalho de Valle na *Madrinha de Charley*. E eis como no theatro portuguez, onde desgraciosamente, durante um largo tempo, os actores envergaram as roupás feminis, as mulheres apparecem em toda a sua gentileza e graça nos trajos vistosos usados pelos homens nos tempos de galanteria e mesmo nos fatos da nossa epoca que—tanto lhes prejudica a belleza e o *donaire*.

A actriz Amelia Vieira na Morgadinha de Valflôr (Cliché de HENRIQUE GORS)





A CRISE DO D. MARIA.



ILLUSTRAÇÃO PORTUGUESA ENTREVISTA O ADMINISTRADOR DO THEATRO S^r MAXIMILIANO DE AZEVEDO

A crise do Normal dura ha annos. Primeiro os auctores despejaram catadupas de folhetos sobre a sociedade artistica; de seguida ella propria se perturbou ao ser o theatro posto a concurso e adjudicado á empresa Menezes & Ferreira, extincta mezes depois do conflicto com os actores Brazão e Ferreira da Silva, que se escripturaram no Principe Real. Durante o resto da segunda epoca, que a empresa não pudera levar a caabo, um nucleo de artistas societarios, sob a direcção do actor Ignacio, trabalhou no Normal até que, pelo decreto de novembro ultimo o governo modificou as condições da sociedade e nomeou um administrador para o theatro, o sr. Maximiliano d'Azevedo.

1—O commissario do governo sr. Julio Dantas.
2—A fachada principal do theatro D. Maria. 3—O sr. Maximiliano de Azevedo, administrador do theatro D. Maria

quaes as suas idéas e planos sobre a futura epoca, quaes os seus projectos e esperanças. Os nossos leitores apreciarão se está ou não terminada a já longa crise do nosso theatro official.

Foi n'uma das recitas do *Marido ideal*, no gabinete do commissario, que o administrador da Casa de Garrett consentiu em dizer-nos os seus projectos. Na nossa frente uma mesa pejada de originaes affir-



Lucinda Simões



Adelina Abranches



Augusta Cordeiro



Maria Pia d'Almeida



Cecilia Machado



Maria Mattos



Jesuina Motili



Palmyra Torres

mava aanciedade de applausos que existe na alma de cada portuguez; das paredes pendiam retratos de grandes artistas fallecidos e da rua subia a bulha

amortecida dos electricos, dos trens, dos automoveis rodando na noite. O sr. Maximiliano d'Azevedo dizia-nos:

— Como vê ha abundancia de originaes. Foram entregues quatorze em dois ou mais actos e seis em um acto. Até agora estão approvados apenas quatro, devendo o primeiro d'elles, um acto, *O alcool*, do sr. Bento de Mantua, ser o primeiro a representar-se com a adaptação do romance de Julio Diniz as *Pu-pillas do sr. Reitor* feita pelo sr. Anthero de Figueiredo. E' este o espectáculo que segue ao *Marido ideal*. Depois representar-se-ha *A' Margem do Código* do sr. Barreto da Cruz, com o acto *Dó Sustenido* do sr. Mario d'Almeida, filho da actriz sr.^a Maria Pia. Não era *A' Margem do Código*, que devia apparecer em primeiro lugar, mas sim a peça *Maria da Graça*, dos srs. Urbano Rodrigues e Victor Mendes, mas os auctores trocaram a ordem da inscripção e por isso este trabalho só irá depois do Carnaval. O administrador do Normal diz-nos então que tem uma traducção da peça de Decourcelle, *Sherlok Holmes*, feita pelo sr. Eduardo Coelho e que será representada, devendo o actor Christiano de Sousa fazer um dos principaes papeis.

Fala da entrada d'este artista para o theatro que administra e sente-se satisfeito com tal acquisição.



E' o momento de se falar de Brazão e Ferreira da Silva ante a evocação que nos faz do *Envelhecer*, do sr. Marcellino Mesquita, e que desejava vêr representado em D. Maria.

— Os illustres actores — declara o sr. Maximiliano d'Azevedo — allegam que a portaria de 1908 os expulsou do theatro, de que ambos eram legittimas glorias, sem os esbulhar dos direitos adquiridos. Tinha pedido dispensa de representar na empresa Menezes & Ferreira, no principio da segunda epocha, quando o seu desejo devia ser manifestado tres mezes antes da primeira epocha terminar. O governo expulsou-os, mas garantiu-lhes os antigos direitos. Agora, o decreto de novembro collocou-os no Normal sem os consultar dando-lhes seis dias para se apresentarem, sem o que perderiam as garantias. Por isso não querem entrar no Normal, senão como escripturados, e ainda assim desde que o governo annulle aquella clausula que dizem offender os seus brios artisticos. Pelo meu lado fiz todo o possivel para os reconduzir á Casa de Garrett. Encontrei os maiores obstaculos... Só como escripturados e com a satisfação... Querem os seus antigos direitos garantidos. A questão parece que vae ser exposta á Procuradoria Geral da Corôa que a decidirá...

— E a peça para o Carnaval?

— Será *L'âne de Buridan*, traducção do sr. Barreto da Cruz. A peça é de Fiers e Callaivet e o seu traductor comprou os direitos de representação em Portugal. Com ella preencheremos o



Maria Machado



Delphina Cruz



Isabel Berardi



Augusto de Mello



Joaquim Costa



Christiano de Sousa



Fernando Maia

Carnaval e seguir-se-ha então a peça de costumes alemtejanos *Maria da Graça*, de que já lhe falei. Pensei em fazê-la acompanhar pela *Heraçã*, drama de Lopes de Mendonça, mas naturalmente hei de carecer d'elle para outro plano...

O administrador do Normal explica-nos então no que consiste esse projecto, que acalenta entusiasmado. Trata-se do que já chama *Os Sinaes dos Poetas*, prelecções feitas por poetas conhecidos sobre uma epocha da poesia portugueza, devendo os artistas recitarem os versos indicados na conferencia. A primeira será feita pelo sr. Affonso Lopes Vieira e tratará dos *Cancioneiros*. Também convidará

outros poetas que aproveitarão varios periodos litterarios e falarão mesmo sobre os modernos. Essas conferencias deverão durar tres quartos de hora, o maximo uma hora, e o resto dos espectaculos será preenchido com peças... Para isso destina, com outras, *A Heraçã*.

Imagina tambem fazer representar theatro classico e vae expondo

as peças que tem em mente: de Antonio José da Silva, o *Judeu*, talvez o *D. Quixote* ou a *Guerra do Alecrim* e da Mangerona; de Gil Vicente, *O Auto de Maria Parda* ou *O Juiz da Beira*, com algumas outras farças classicas... Representar-se-ha tambem *Le Bourgeois Gentilhomme*, que será feito pelo actor Joaquim

Costa e que já mandou traduzir pelo sr.

Eduardo Garrido. E' esta uma das peças estrangeiras que deseja ver em scena. As outras serão: *Os Esteios da Sociedade*, de Ibsen; *Os Apos-*

tolos, de Voss, traducção do sr. Accacio Antunes, que é um tanto baseada na vida de Tolstoi e naturalmente *La Femme INu*, de Bataille, que deve ser representada por Adelina Abranches. Pensa tambem no *Papillon de Lyonais le Juste*, que destina a Lucinda Simões, contractada ha pouco pela empresa afim de apparecer em algumas recitas...

—E quando se estreia a grande actriz?! interrogamos n'uma grande curiosidade.

—Talvez dentro em pouco, e naturalmente na *Sociedade onde a gente se aborrece*.

—E mais peças portuguezas?

—Tenho ainda *Os Filhos*, peça

do sr. Vasco de Mendonça Alves; *Gente Moça*, do sr. Bento de Mantua, e *Infelicidade Legal*, do sr. Coelho de Carvalho, que naturalmente se seguirá.

—E theatro historico?

—Tem sempre grandes despesas de montagem. Em todo o caso a peça *De Portugal á India*, do sr. visconde de Monteseão, talvez se represente. Ha um bello acton'esse trabalho e uma scena magnoifica: a fala de Vasco da Gama á marinhagem reevoltada...

—E é tudo?!

—Não; ha ainda a peça *Cerco de Tanger*, dos srs. Antonio Sarmiento e Bento de Mantua, que não sei ainda se será representada... Demais quero fazer algumas *reprises* e para isso ensaiaremos o *Amor de Perdição*, *Peraltas e Secas*, *Serão nas Laranjeiras* e *Velhos*. Ha tambem uma peça do sr. Hygino de Mendonça, que talvez não possa subir á scena este anno.



Theodoro dos Santos



Pinto de Campos



Ignacio Peixoto



Luiz Pinto



Carlos Santos



Pinto Costa



Mendonça Carvalho

Mario Velloso

Thomaz

Vieira

Mendes Correia

Antonio Costa

Chama-se *Pena Ultima* e tem um lindo entreccho...

O sr. Maximiliano d'Azevedo cala-se uns momentos para proseguir:

— Isto enquanto ao repertorio... Agora ha a parte referente aos artistas. Já contei a infelicidade das minhas tentativas junto de Brazão e Ferreira da Silva; contractei o actor Christiano de Sousa, que é um bom elemento, não impoz condições e ficou em situação identica á dos societarios, e Lucinda Simões, a actriz superior sob todos os pontos de vista.

— E ácerca de Joaquim d'Almeida?!... Não contractou tambem o velho e glorioso artista?!

— Não... Como sabe está na expectativa de ser reformado e por isso não pode ser admitido... No entanto o theatro Normal fica ao dispôr do grande actor para o que desejar...

— E Maria Falcão?! interrogamos ainda, já

de pé, a meio da sala, ao ouvirmos o ruido dos espectadores que saíam para o largo.

O administrador do theatro Normal respondeu:

— Eu posso administrar sem consultar a commissão fiscal, mas não o tenho feito. Consulto-a sempre. N'este caso, como n'outros. Mas sabe que a verba d'ordenados está já muito alta e temos que attender ao orçamento...

Por fim o sr. Maximiliano d'Azevedo assegurou-nos que tem na companhia alguns elementos novos de valor como os srs. Mendonça Carvalho e João Calazans, um amator que se dedicará ao theatro definitivamente e diz ter encontrado no seu velho amigo Augusto de Mello a mais preciosa collaboração como ensaiador do theatro.

— Fui eu quem ha muitos annos lhe arranjei a primeira escriptura como ensaiador para a companhia de Salvador Marques... Agora tenho-o aqui...

Tem prestado relevantes serviços, tem sido de



O administrador do Normal, sr. Maximiliano de Azevedo, com os actores Christiano de Sousa e Augusto de Mello



uma enorme dedicação e peço-lhes que registem o meu agradecimento, porque só esse grande trabalho das *reprises* e das *Pupillas* bem merecem a minha gratidão. A scena portugueza—continúa o administrador do Normal—está carecida acima de tudo de muito boas vontades, deixe dizer-lhe que até de sacrificios. Eu não queria este logar, mas quando me disseram que podia fazer alguma cousa pelo theatro acceitei-o no proposito



de trabalhar com todas as minhas forças.

Era tarde. A luz electrica esmorecia; descemos a escadaria de pedra e viemos dar ao atrio onde o busto de Emilia das Neves, esphyngico no seu marmore, parecia aguardar o resultado de todos esses projectos, branco como um phantasma de velhas glorias, a elevar-se, a crescer aos nossos olhos n'aquella penumbra da Casa Garrett, onde as passadas resoavam cavamente pela noite alta.



1—No gabinete do administrador. As actrices Cecilia Machado e Jesuina Motil e os actores Joaquim Costa, Ignacio Peixoto e João Calazans—(Cliche de BENOLIEL).
2—Coelho de Carvalho, auctor da *Infelicidade legal*. 3—Urbano Rodrigues, auctor da *Murva da Graça*. 4—Victor Mendes, auctor da *Maria da Graça*. 5—Bento de Mantua, auctor do *Milcoel*. 6—Luiz Barreto da Cruz, auctor de *A Margem do Código*. 7—Vasco Mendonça Alves, auctor dos *Filhos*.

FIGURAS E FACTOS



A família dos duques de Connaught, na qual o rei de Portugal parece que virá a casar, está intimamente ligada pelos laços do mais proximo parentesco á casa real d'Inglaterra, visto o duque ser irmão de Eduardo VII, á da Allemanha, porque a duquesa é princeza da Prussia, á da Suecia, pelo consorcio da princeza Margarida com Gustavo Adolpho, duque de Scania e príncipe real, a quem já deu um herdeiro.

O duque renunciou em 1850, por si e seu filho á successão no ducado de Saxe Coburgo e Gotha, a que seu pae, o príncipe Alberto, também já renunciára. A esta nobre casa, que tem representantes nos thronos de Inglaterra, Belgica, Bulgaria, Allemanha, Russia e Portugal, pertencia o bisavô do actual chefe d'Estado, o rei D. Fernando II. O irmão da princeza Patricia chama-se Arthur Frederico Patrick Alberto, é capitão do regimento Royal Scots Greys, ajudante de campo do rei Eduardo e cavalleiro da Jarreteira.



1—A família do duque de Connaught

2—O príncipe Carlos Theodoro

da Baviera

fallecido em 6 de dezembro, e de quem ficou viúva a infanta

Maria José, filha de D. Miguel I.

3—A *maquette* do monumento a Camões,

do escultor Teixeira Lopes,

que será inaugurado proximamente

em Paris, junto ao Trocadéro

(Cliché da WORLD'S GRAPHIC PRESS)

PORTUGAL LÁ FÓRA



O prior do Crato, D. Antonio I

portuguez a corôa dos antepassados. Foi vencido na batalha d'Alcantara pelo exercito do duque d'Alba e percorreu o reino escondendo-se nos mais miseros lares, até que conseguiu partir para França, indo viver para Rueil, onde então existia uma colonia portugueza, na sua maioria composta por fidalgos, que não queriam submeter-se ao estrangeiro invasor de Portugal. Foi recebido com lagrimas e carinhos e ali residiu com seus filhos

A COMMEMORAÇÃO DE D. ANTONIO, PRIOR DO CRATO

Na igreja de Rueil, nas proximidades de Paris, foi collocada, no dia 4 de dezembro, uma lapide de marmore commemorando o seu fundador, aquella sombra de rei que se chamou D. Antonio, Prior do Crato.

No periodo de decadencia da segunda dynastia, quando a maioria se curvava ao dominio de Castella, o principe D. Antonio revoltou-se e tentou ainda, como um novo Mestre d'Aviz, pôr na sua cabeça de



A igreja de Rueil, fundada por D. Antonio, Prior do Crato.



O abbade Faivre, actual prior da igreja de Rueil

D. Christovão e D. Manuel, recordando os seus desastres, vendo dia a dia mais perdida a esperanza de reinar, sobretudo depois da sua infauista expedição aos Açores.

Fundou a igreja onde a piedade do sr. visconde de Faria collocou agora essa lapide, a recordar o pobre exilado que tanto amou aquelle lugar de refugio, em cujos alicerces se diz existirem ainda, dentro d'um cofre, documentos da mais alta importancia e o thezouro do Prior do Crato. A lenda apoderou-se da figura do rei evocando o seu thezouro, pois sabe-se que morreu pobre, tendo vellido o diamante, seu unico recurso, e hoje bem celebre, ao banqueiro Sancy.

Em 1854 a igreja de Rueil foi restaurada; o grande sino que chama os fieis á missa nos domingos é offerta do principe Augusto de Leuchtenberg, o primeiroo marido da rainha D. Maria II, fallecido tres mezes depois ddo consorcio.

A cerimonia agora realizada para a collocação da lapide commemorativa assistiu, com alguns membros da *Societe des Etudes Portugaises*, o actual prior do sanctuario, o abbade Faivre, que é muito dedicado ao estudo da historia do nosso paiz.

Com essa lapide singela se recorda a brava figura do principe portuguez, bastardo, como o fundador da dynastia que elle não desejava ver terminada ao deixar-se assaltar o throno por um rei estrangeiro.

D. Antonio, no seu refugio, soffreu varios ataques da parte de Philippe I de Portugal, que mandava coonestantemente emissarios para o assassinaem, chegando um d'elles a largar fogo ao palacio onde o Prior do Crato habitava.



A lapide collocada n'uma columna da igreja de Rueil a 4 de dezembro

PORTUGAL NO BRAZIL

O REAL CENTRO PORTUGUEZ DE SANTOS



Entre as grandes obras da colonia portugueza no Brazil, o Real Centro Portuguez de Santos é uma das que mais avulta. A associação que mandou construir o edificio compõe-se de quinhentos dos nossos compatriotas e foi fundada no dia 1.º de dezembro de 1895, tendo hoje um fundo de duzentos contos, pois tanto vale o palacio onde o centro se installa. Está situado na rua Amador Bueno, tem dois pavimentos, no primeiro dos quaes ficam a bibliotheca, os escriptorios do expediente, e, no grande espaço central, o theatro, que comporta quatrocentos espectadores. No

segundo pavimento é o salão nobre, que ainda está por concluir, e no qual serão collocados quadros de grandes factos historicos portuguezes, n'uma decoração opulenta.

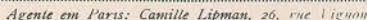
D'este modo, mostra a colonia portugueza em Santos, não só o seu grande espirito associativo, mas ainda que a idéa da patria jámais a abandona. Nos seus menores actos sobreleva a imagem de Portugal, cujos bellos feitos são recordados com um grande enthusiasmo, vivendo tambem n'aquelles corações a alta esperanza no futuro do paiz de que estão distantes e de que sentem as maiores saudades.

A construcção d'esse edificio com as suas grandes salas, de cujas paredes pendem quadros com scenas da nossa historia, representa a tenacidade com que os nossos compatriotas trabalham para o bem commum e como se dedicam a embelezar a terra que os acolhe e onde os monumentos por elles levantados affirmam a sua gratidão jámais desmentida.

Ha pouco o sr. visconde de Selir, ministro de Portugal no Brazil, visitou o magnifico edificio, viu os quadros que o hão de decorar e felicitou a associação pela sua bella iniciativa, tendo para os benemeritos portuguezes as palavras de mais caloroso elogio. O presidente honorario do Centro Portuguez de Santos é o rei de Portugal.



1—O edificio do Centro Portuguez na cidade de Santos
2—A direcção do Real Centro Portuguez de Santos, composta dos srs. José Antonio de Araujo, presidente; Victor Soalheiro, vice-presidente; José Baptista Duarte e David Simões, secretarios; Thomaz Henriques e Joaquim Simões, thesoureiros; Abel de Castro, fiscal; Antonio Conde, bibliothecario; Adriano José de Queiroz, Antonio Collaço, José Ribeiro e Bernardino de Barros, directores.



PARA ENCADEARNAR A

Ilustração Portuguesa

Já está à venda bonitas capas em peralvões de phantasia para encadernar o primeiro semestre d'este anno da **Ilustração Portuguesa**. **PREÇO 360 REIS.** Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importância póde ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vai acompanhada do indice e frontespicios respectivos.

Administração do «Seculo» — Lisboa

COMPANHIA

DO

Papel do Prado

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

CAPITAL:

Acções.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundo de reserva e de amortização.....	266.400\$000
Reis.....	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal de Hermio (Lousã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais.

Escriptorios e depositos:

LISBOA—270, RUA DA PRINCEZA, 276

PORTO—49, RUA DE PASSOS MANUEL, 51

Endereços telegraphicos: Lisboa, Companhia Prado—Porto, Prado
Numero telephonico: Lisboa, 805—Porto, 117



Meio seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente, GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.

A' venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart, Paris

PRISÃO DE VENTRE

O unico remedio prescripto por todos os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias* é a **CASCARINE LEPRINCE** (toma-se duas p.ulas em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula.

NOUVEAU PARET
 PRINCEIA VIOLET
 29, Bd des Italiens, PARIS



GRATIS

125 machinas

fallantes

De accordo com o fabricante resolvemos distribuir durante o corrente mez absolutamente GRATIS estas magnificas machinas modelos de 1909. Remettem-se catalogos e condições a quem enviar uma estampilha de 25 reis a CASA SIMPLEX

BICYCLETES DISCOS E MACHINAS FALANTES.

J. CASTELLO BRANCO

Rua do Soccorro, 48
R. de Santo Antão, 32 e 34

LISBOA

Madame

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa

Brouillard

DIZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chronomancias, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Deslaurieres, Lombroso, d'Arpigny, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem prediz a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete

43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA
Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.



Agente em Paris: Camille Lipman, 26, rue Vignon